

# Carlos Drummond de Andrade – Amor – pois que é palavra essencial

Amor – pois que é palavra essencial –  
comece esta canção e toda a envolva.  
Amor guie o meu verso, e enquanto o guia  
reúna alma e desejo, membro e vulva.

Quem ousará dizer que ele é só alma?  
Quem não sente no corpo a alma expandir-se  
até desabrochar em puro grito  
de orgasmo, num instante de infinito?

O corpo noutro corpo entrelaçado,  
fundido, dissolvido, volta à origem  
dos seres, que Platão viu completados:  
é um, perfeito em dois; são dois em um.

Integração na cama ou já no cosmo?  
Onde termina o quarto e chega aos astros?  
Que força em nossos flancos nos transporta  
a essa extrema região, etérea, eterna?

Ao delicioso toque do clitóris,  
já tudo se transforma, num relâmpago.  
Em pequenino ponto desse corpo,  
a fonte, o fogo, o mel se concentraram.

Vai a penetração rompendo nuvens  
e devassando sóis tão fulgurantes  
que nunca a vista humana os suportara,  
mas, varado de luz, o coito segue.

E prossegue e se espraia de tal sorte  
que, além de nós, além da própria vida,

como ativa abstração que se faz carne,  
a ideia de gozar está gozando.

E num sofrer de gozo entre palavras,  
menos que isto, sons, arquejos, ais,  
um só espasmo em nós atinge o clímax:  
é quando o amor morre de amor, divino.

Quantas vezes morremos um no outro,  
no úmido subterrâneo da vagina,  
nessa morte mais suave do que o sono:  
a pausa dos sentidos, satisfeita.

Então a paz se instaura. A paz dos deuses,  
estendidos na cama, qual estátuas  
vestidas de suor, agradecendo  
o que a um deus acrescenta o amor terrestre.

**Carlos Drummond de Andrade, O amor natural**